
Nilismo e política, horror e transumanismo na filosofia da mídia de Nick Land¹

Fabício Lopes da SILVEIRA²

Pesquisador vinculado aos grupos de pesquisa GPESC (UFRGS) e PROCESSOCOM (Unisinos)

RESUMO

Num exercício de reconhecimento de padrões epistemológicos, pretendemos explorar cartograficamente o pensamento do filósofo britânico Nick Land. Nossa intenção é identificar os eixos centrais, os conceitos mais importantes e os problemas teóricos de predileção do autor. Obviamente, não nos cabe — afinal de contas isto não seria nem mesmo possível — esgotá-lo ou abrangê-lo em sua totalidade. Antes disso, neste breve ensaio monográfico, cabe-nos apenas tentar uma caracterização introdutória, qualificando-o e direcionando-o à investigação sobre as mídias e/ou, dito com maior precisão, sobre a cibercultura em sua comunhão com o tecnocapital informatizado e as distopias políticas que hoje impregnam o imaginário de nosso futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Nick Land; direita aceleracionista; transumanismo; nilismo; filosofia da mídia.

Introdução

Um dos mais urgentes desafios impostos ao pensamento filosófico contemporâneo — com repercussões sensíveis no tocante à investigação atual sobre as mídias — diz respeito à realização de uma compreensão crítica e abrangente dos escritos do filósofo inglês Nick Land (1992, 2011, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b, 2015, 2019, 2021, 2022, 2023). Sob a orientação de David Farrel Krell, Land se doutorou em Filosofia, em 1988, na Universidade de Essex (UK), com uma tese sobre Martin Heidegger — examinou a interpretação heideggeriana da poesia do austríaco Georg Trakl (1887-1914). Desde então, por razões diversas, em âmbitos profissionais e existenciais distintos, veio obtendo intrigante e polêmica notoriedade.

Num primeiro momento, entre meados da década de 1990 e meados da década de 2000, ganhou evidência, ao lado da pioneira do ciberfeminismo inglês Sadie Plant,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos / RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Realizou estágio pós-doutoral — bolsa PNPd CAPES — junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Foi professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto / MG. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9598-8052>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8096511043948981>. Email: fabiciosilveira@terra.com.br.

como um dos coordenadores do CCRU (*Cybernetic Culture Research Unit*), um grupo de investigações e práticas artísticas lotado no Departamento de Filosofia da Universidade de Warwick (UK). Como já debatemos noutros escritos (SILVEIRA, 2021a, 2021b, 2023, 2024a, 2024b) — e como documenta uma vasta bibliografia de sistematização (GONÇALVES e MARQUES, 2021; JÚNIOR e MICKUS, 2021; BERGER, 2022) —, há consideráveis suspeitas sobre a composição do grupo, quais eram seus afazeres, seus propósitos e a natureza exata de sua produção. Chegou-se até a negar sua existência formal, pois não teria sido chancelada pelos registros administrativos e pela burocracia universitária de então (VV.AA., 2024). Num segundo momento, por volta de 2010 — vivendo em Xangai, na China —, Nick Land reaparece e passa a figurar, junto com o blogueiro Mencius Moldbug (nome fantasia do cientista da computação estadunidense Curtis Yarvin), como uma espécie de mentor da nova direita reacionária cujo maior feito até aqui foi a condução de Donald Trump à presidência dos EUA, em 2016 (*cf.* TEITELBAUM, 2020; HERMANSSON, LAWRENCE, MULHALL e MURDOCH, 2020).

Tanto na primeira quanto na segunda fase — e embora seja ainda apressado ou até inapropriado demarcarmos assim, em duas “fases”, a trajetória intelectual de Land, os momentos através dos quais sua carreira foi se estabelecendo e seu pensamento foi se tornando mais amadurecido, bem como ganhando maior visibilidade —, o que se verifica, de saída, é uma disposição muito incomum — por parte de um filósofo, ao menos — para tomar de assalto os espaços midiáticos (os blogs e as redes sociais, os fóruns de discussão online, sobretudo), utilizando-os não só como assunto a ser pensado, objeto e matéria prima do pensamento, mas como o espaço mesmo onde a reflexão filosófica transcorre e, de certo modo, precisa de fato ocorrer, para o bem e para o mal. E mais do que isso: a ambientação comunicacional — mais especificamente, a cultura e as tecnologias digitais, a tecnocultura da janela de transição de um século a outro —, no caso de Land, parecem constituir uma forma (típica) indissociável de um conteúdo (típico), algo como um *imperativo epistêmico*, uma *textura inexorável*, a própria condição de existência de uma dada matriz de pensamento.

Land seria, portanto, um *filósofo medial* por excelência? O que isso significa, ao certo? Teria constituído, por hipótese, a mais radical, a mais genuína e intrinsecamente comunicacional Filosofia da Mídia de que tivemos notícia, até hoje, rivalizando talvez com nomes como Walter Benjamin e Vilém Flusser, para citarmos apenas dois — os mais populares, com certeza, de mais fácil apelo público —, dentre tantos outros estudiosos e pensadores que, no curso da Modernidade, poderiam concorrer a tal posto³? Como caracterizar e como apreender, enfim, a reflexão insubordinada, anticientificista e reacionária de Nick Land? No que consiste sua suposta veia comunicacional, a tão propalada dimensão cibergótica de seu pensamento?

São questões que procuraremos aqui responder. No mínimo, tentaremos cercá-las, explorando a margem de razoabilidade em que elas se tornam mais plausíveis e estabelecendo assim, a partir delas, uma primeira exploração cartográfica do universo aparentemente inóspito e pouco convidativo de Nick Land.

Do ponto de vista dos passos metodológicos, para que possamos progredir na leitura que propomos, é preciso admitir que *Fanged Noumena — Collected writings 1987-2007*, lançado em 2011, é uma obra de referência, uma peça-chave, fundamental na formalização e na síntese do pensamento de Land — no caso, o “primeiro” Land, o autor ainda imbuído dos preceitos originais do CCRU, movido pela expectativa de construção, viabilização e validação do grupo que então liderava⁴. Importa atentar, no

³ Concorrem ao cargo de primeiro “filósofo da mídia”, como se isso fosse — como se o rótulo fosse, por si só — um salvo-conduto, a salvaguarda permanente de uma boa reputação, Friedrich Nietzsche, Gilbert Simondon, Bernard Stiegler, Dieter Mersch e Sybille Krämer. Correndo por fora, há inúmeros outros. Há brasileiros, inclusive — como Ciro Marcondes Filho e Márcio Tavares D’Amaral. A possibilidade de oferta de uma disciplina chamada “Filosofia da Mídia”, embora já tenha sido aventada — várias vezes, por sinal (ver LIESEN, 2022, por exemplo) —, permanecerá aqui apenas evocada, como um horizonte distante. É um debate epistêmico e institucional sério, que irá requerer outra oportunidade. Nossa compreensão é a de que caracterizar, nesta oportunidade, o trabalho de Nick Land é apontar para o tema, é reunir elementos para voltar posteriormente a ele e tratá-lo com a dignidade que merece.

⁴ Enfrentaremos, é bom antecipar, desde já, um problema de isonomia. Nossos esforços e nossa atenção recairão, majoritariamente, sobre o “jovem” Land. É ele quem agora vem à tona, na esteira da repercussão pública de seus ex-alunos, num momento em que se procede, com muita frequência, no rincão disciplinar das Humanidades, uma espécie de arqueologia coletiva do CCRU. O espírito do tempo parece ter contribuído para o resgate, hoje, dos experimentos ciberculturais, xenogóticos e xenofeministas realizados em Warwick, às vésperas do *bug* do milênio. Esse é o rol de escritos que passam, quase de súbito, a ser lidos e republicados, recolocados em circulação pelo mercado editorial. São peças importantes para que possamos compreender, em consonância e consequência, o “velho” Land, que se encontra, nos anos recentes, mais protegido, escondido em sua brutal atualidade, numa relativa escassez de publicações de verniz acadêmico e no redirecionamento político de sua atuação. Seja como for, nossa intenção é listar elementos que nos permitam aludir também ao Land trumpista, pós-político e sinofuturista, escritor de ficção fascinado com a cidade de Xangai (cf. LAND, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b, 2015, 2022).

livro citado, à “Introdução dos editores”, escrita em fevereiro de 2011, por Robin Mackay e Ray Brassier, ambos discípulos e interlocutores próximos de Land. *Fanged Noumena*, doravante *FG*, na tradução que recebeu na Espanha, foi dividido em dois volumes, o primeiro deles trazendo, a título de prólogo, outro escrito exegético crucial, utilíssimo no entendimento da personalidade, dos fundamentos e das intenções filosóficas de Land: “El inhumanismo experimental de Nick Land”, também de autoria de Robin Mackay, que hoje assina circunstancialmente como Maya B. Kronic⁵. Para nossa iniciação, em absoluto, são textos essenciais. Não há como dispensá-los.

A eles acrescentamos — como bibliografia de referência básica —, para que possamos extrair um retrato preliminar, confiável embora incompleto, da moldura filosófica concebida por Land, três outros escritos: um, de Mackenzie Wark — “On Nick Land” (WARK, 2017) —; dois, de Mark Fisher — “Nick Land: mind games” e “*Terminator vs. Avatar*” (FISHER, 2011, 2014). São textos próximos, afins no equilíbrio analítico que pretendem atingir, cujos autores tendem a ser empáticos, em linhas gerais, às causas de Land, compartilhando com ele interesses e experiências culturais comuns.

Excetuando-se esse material bibliográfico de base, com o qual nos engajaremos mais amplamente, recorreremos ainda a um conjunto mais difuso e menos determinado de estudos auxiliares, resenhas e comentários críticos diversos, que perfazem um certo estado da arte da recepção e da repercussão da obra de Land, seja no Brasil, seja no mundo anglófono. Esperamos que assim se possa evidenciar tanto a atualidade, quanto a incompletude e o potencial político (e, de certa forma, estranhamente pragmático) desta controvérsia.

Dois pressupostos — ou duas hipóteses teóricas — estruturam o desenho geral de nossa problematização, dão foco e perspectiva às leituras que faremos. Quais são eles? Primeiro, como já anunciamos, a suposição de que a especulação filosófica de Land, tenha se assumido ou não enquanto tal, é *imanente* ao mundo das mídias — isto

⁵ Recentemente, em maio de 2024, Maya B. Kronic, junto com Amy Ireland, lançou *Cute Accelerationism* (2024), um estudo onde demonstram que a “cultura da fofura”, um enxame de e-girls, it-girls, NEETS, anons, otakus, super-heróis e memes bobos, se presta a propósitos aceleracionistas inauditos, tão viscerais quanto invisibilizados, tomados erroneamente como anódinos e desprezíveis (cf. PELOTAS, 2024).

é, opera numa posição de *internalidade* em relação às máquinas de registro, arquivamento e irradiação de conteúdos midiáticos. Para ele, não é só uma questão de *saber utilizar* as mídias, empregá-las deste ou daquele modo, como canais de divulgação, instrumentos ou suportes relativamente frios (ou neutros), aos quais se confere uma dada funcionalidade. Trata-se de obter uma aderência mais radical. Trata-se de depreender as lógicas, os fluxos e as dinâmicas tecnoinformacionais e submeter a escrita e a razão filosóficas à *pulsão maquínica*, varrendo e subalternizando, nesse processo, qualquer resquício de antropocentrismo subjetivizante que ali pudesse restar. Essa não é uma avaliação individual, excêntrica. É uma sugestão recorrente em boa parte da literatura especializada. Outros autores já deram ênfase a essa dimensão medial constante das especulações de Land e daqueles que orbitam em torno dele (*cf.* FELINTO, 2022). Benjamin Noys, por exemplo, numa publicação recente, trazida a público durante o período pandêmico, admite que, “embora isso não estivesse tão claro à época” (ele aponta a 2010, mais ou menos), o aceleracionismo contemporâneo — movimento filosófico ao qual ele próprio e Nick Land são identificados, tidos como seus principais luminares — “foi o primeiro movimento teórico da era da Internet e das mídias sociais” (NOYS, 2021, p. 03). “Burn out: reflections on accelerationism”, o texto em questão, foi escrito por ocasião do lançamento de uma nova edição alemã de *Malign Velocities: accelerationism and capitalism* (NOYS, 2014), livro indispensável, que ajuda a demarcar o terreno em que Land atua e a partir do qual se projeta⁶.

E quanto à segunda suposição? Supomos, em acréscimo, que há um hermetismo de superfície na obra de Nick Land. O fato de se constituir como efeito de convergências epistêmicas exóticas, abrindo-se a um amplo escopo de interesses e

⁶ Nick Land é tido, costumeiramente, como um filósofo aceleracionista — isto é, que defende a aceleração desmedida das forças desterritorializantes do capital como vetor da revolução pós-capitalista. Noutro lugar (SILVEIRA, 2024b) já realizamos a qualificação do marco aceleracionista (*cf.*, complementarmente, AVANESSIAN e MACKAY, 2014; AVANESSIAN e REIS, 2017). O texto de Noys — “Burn out: reflections on accelerationism” (NOYS, 2021) — é altamente indicado porque, além de responder a esse mesmo tópico, posiciona Nietzsche como influência subestimada, não de todo reconhecida, entre os filósofos aceleracionistas ingleses. Além disso — como já havia feito, aliás, Mark Fisher (2014) —, se refere a Land como “nosso Nietzsche”, assume o trabalho hipersticional ao modo landiano (o trânsito deliberado entre práticas analíticas e práticas de ficcionalização) como mobilização e disputa contemporâneas pelo imaginário social e, claro, dá bastante saliência, como dissemos, à engenhosidade (e à imanência) tecnomedial do pensamento aceleracionista, uma escola filosófica feita de *hashtags*, postagens no Twitter e um desejo quase obsessivo de se confundir com as máquinas, tornar-se um *streaming* de partículas de consciência e afetos digitais.

saberes, acadêmicos e para-acadêmicos, dotados, muitas vezes, de certa obscuridade, contribui para fortalecer, como um verdadeiro paradoxo, sua pertinência disciplinar e heurística à área da Comunicação. E tudo isso ocorre a despeito do pronunciado (e controvertido) viés político de Land, a despeito até de seus eventuais erros e acertos, em termos do rigor filológico, da precisão técnico-categorial que podemos cobrar ou esperar dele.

São incontáveis — e sempre provocativas, sempre desafiadoras — as rubricas e as categorizações atribuídas a Nick Land. Fala-se que ele teria formulado um “deleuzianismo thatcherista”. Por vezes, seu “inumanismo experimental” é celebrado. Assim como se repudia, na mesma medida, em contraponto, seu “Iluminismo sombrio”. Quando se trata de circunscrevê-lo, recorre-se ainda a expressões como “niilismo raivoso”, “niilismo cibergótico” ou “teoria-ficção cibernética”. Por certo, tais denominações, à primeira vista, ficam carecendo de sentido. Um modo de principiar o mapeamento da doutrina de Land é iluminar, por dentro, tais categorias, é flagrar o nexo dado entre tais sinalizadores semânticos. Em razão disso — no intuito de atender o conjunto integral dessas terminologias —, iremos nos ater a quatro eixos temáticos que nos parecem estruturantes, que nos parecem recobri-las e aglutiná-las: niilismo e política, horror e transumanismo. É como o artigo irá se seguir. Assim, imaginamos poder dar conta da assombrosa potência comunicacional inscrita na filosofia aceleracionista de Nick Land.

REFERÊNCIAS

AVANESSIAN, A.; REIS, M. (orgs.). **Aceleracionismo**. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

AVANESSIAN, A.; MACKAY, R. (org.). **#Accelerate**: the accelerationist reader. Falmouth and Berlin: Urbanomic and Merve, 2014.

BERGER, E. **Aceleración**. Corrientes utópicas desde Dadá a la CCRU. Madrid: Enclave de Libros, 2022.

FELINTO, E. **O Cartógrafo sem Bússola: Vilém Flusser**. Prolegômenos a uma teoria do pensamento líquido. Porto Alegre: Sulina, 2022.

FISHER, M. Nick Land: Mind Games. **Dazed & Confused**. June, 2011. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/10459/1/nick-land-mind-games>. Acessado em: 10/05/2024.

_____. *Terminator vs. Avatar*. In: AVANESSIAN, A.; MACKAY, R. (org.). **#Accelerate: the accelerationist reader**. Falmouth and Berlin: Urbanomic and Merve, 2014, p. 344.

GONÇALVES, R. S.; MARQUES, V. Por uma política orientada ao futuro: a provocação filosófica e estratégica do “aceleracionismo de esquerda”. Revista **DasQuestões**, vol. 12, n. 1, junho de 2021, p. 371-412.

HERMANSSON, P.; LAWRENCE, D.; MULHALL, J.; MURDOCH, S. *The Dark Enlightenment: neoreaction and Silicon Valley*. In: HERMANSSON, P.; LAWRENCE, D.; MULHALL, J.; MURDOCH, S. **The International Alt-Right**. Fascism for the 21st. century? New York: Routledge, 2020, p. 81-103.

IRELAND, A; KRONIC, M. B. **Cute Accelationism**. Cambridge, Massachusetts; London, England: MIT Press, 2024.

JÚNIOR, J. G.; MICKUS, R. Os demônios de Nick Land: uma especulação introdutória sobre aceleração e hiperstição. Revista **DasQuestões**, vol. 12, n. 1, junho de 2021, p. 229-252.

LAND, N. **The Thirst for Annihilation: Georges Bataille and virulent nihilism**. London and New York: Routledge, 1992.

_____. **Fanged Noumena**. Collected writings 1987-2007. Falmouth, New York: Urbanomic / Sequence Press, 2011.

_____. **Calendric Dominion**. London / Shanghai: Urbananatomy Electronic, 2013a.

_____. **Suspended Animation**. London / Shanghai: Urbananatomy Electronic, 2013b.

_____. **Phyl-Undhu**. Abstract horror. Exterminator. London: Time-Spiral Press, 2014a.

_____. **Shanghai Times**. London / Shanghai: Urbananatomy Electronic, 2014b.

_____. **Chasm**. Eighty-Nine. Manifesto for an Abstract Literature. London: Time-Spiral Press, 2015.

_____. **Fanged Noumena. Vol. 01. 1988-2007**. Barcelona: Holobionte Ediciones, 2019.

_____. **Teleoplexia: ensayos sobre aceleracionismo y horror**. Madrid: Holobionte Ediciones, 2021.

_____. **The Dark Enlightenment**. Perth: Imperium Press, 2022.

_____. **Fanged Noumena. Vol. 02. 1990-2006**. Barcelona: Holobionte Ediciones, 2023.

LIESEN, M. Filosofia da Comunicação — para quê? In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/filosofia-da-comunicacao-para-que?lang=pt-br>>. Acesso em: 12/06/2024.

MACKAY, R. El inhumanismo experimental de Nick Land. In: LAND, N. **Fanged Noumena – Vol. 01**. Barcelona: Holobionte, 2019.



MACKAY, R; BRASSIER, R. Introducción. In: LAND, N. **Fanged Noumena**. Vol. 02. 1990-2006. Barcelona: Holobionte Ediciones, 2023.

NOYS, B. **Malign Velocities**: accelerationism and capitalism. Winchester, U.K.: Zero Books, 2014.

_____. Abuso acelerado de substâncias. Revista **DasQuestões**, vol. 15, n. 1, julho de 2022, p. 241-250.

_____. Burn out: reflections on accelerationism. **Academia**, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/64818298/Burn_Out_Reflections_on_Accelerationism. Acessado em: 13/06/2024.

PELOTAS, C. “A fofura não liga para o julgamento, e é enfurecedora para o poder”: entrevista com Maya B. Kronic e Amy Ireland. **Medium**. Maio de 2024. Disponível em: <https://medium.com/@ricec414/a-fofura-n%C3%A3o-liga-para-o-julgamento-e-%C3%A9-enfurecedora-para-o-poder-451cb2fadfe0>. Acessado em: 12/06/2024.

SILVEIRA, F. Hiperstição e geotrauma em *Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials*, de Reza Negarestani. Revista **Semeiosis**: Semiótica e Transdisciplinaridade. Edição especial Pandemia, efeitos simbólicos e hiperconectividade, São Paulo / SP, v. 09, n. 02, Dez. 2021a. Disponível em: <https://semeiosis.com.br/issues?issue=p8wNnlEhYa81AH2PGZ8V&article=s4wcG4zdaNeaBr2TXLQL>. Acessado em: 16/04/2024.

_____. “O espectro de uma sociedade livre”: considerações sobre o comunismo ácido de Mark Fisher. Revista **Eco-Pós**, 24(3), 484–505, 2021b. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27690. Acessado em: 15/04/2024.

_____. Mark Fisher e as Teorias da Comunicação. Aproximações teórico-metodológicas. Revista **Interim**, Universidade Tuiuti (UTP), v. 28, n. 01, Jan./Jul., 2023, p. 225-244, Curitiba / PR. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/i/article/view/2912>. Acessado em: 15/05/2024.

_____. Da escrita hipersticional. In: BEDIN, C.; RODRIGUES, E.; ALMEIDA, K. (orgs.). **Pensar, Montar**: variações sobre leitura e escrita em educação. Porto Alegre: PPGedu / UFRGS, Editora Cirkula, 2024a. No prelo.

_____. Aceleração — mídia, horror e política. Originais cedidos pelo autor. Texto ainda inédito. Porto Alegre, 2024b, 25p.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra pela Eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

VV.AA. **Cultura Cibernética** y otros escritos del CCRU (1995-2019). Barcelona: Holobionte Ediciones, 2024.

WARK, M. On Nick Land. **Verso Books**, June 2017. Disponível em: <https://www.versobooks.com/en-gb/blogs/news/3284-on-nick-land>. Acessado em: 10/06/2024.